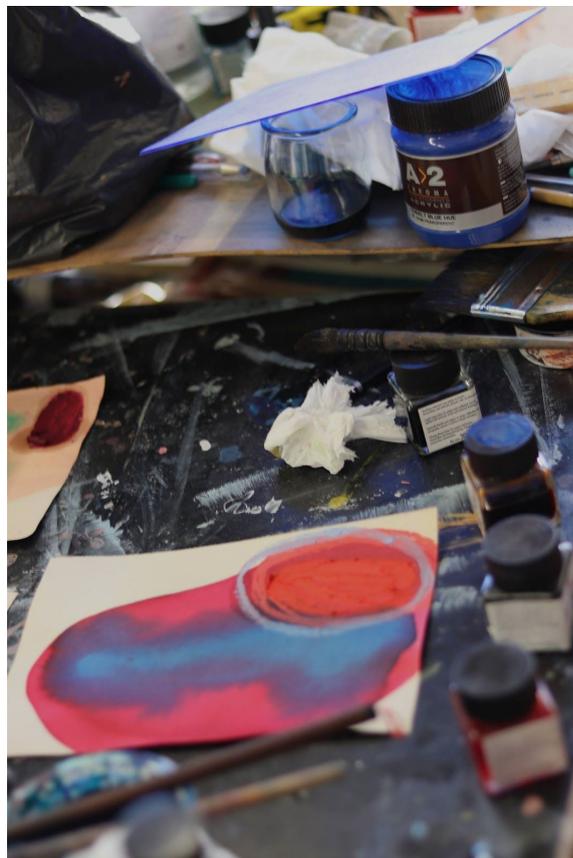


Maria Almeida Cunha Alegre | Ensaio sobre *Um Modo de Construir Jangadas*.
O ato de coragem de um náufrago

Ensaio sobre *Um Modo de Construir Jangadas*.

*O ato de coragem de um náufrago*¹

MARIA ALMEIDA CUNHA ALEGRE



Processo criativo de Filipe Silva
Fotografia de Maria Almeida Cunha Alegre, 2019

A pintura de Filipe Silva é uma extensão dele. Do nada, o artista faz pintura. Os materiais que este utiliza, desde o óleo, às ecolines, passando pelos lápis coloridos ou barras de óleo, são, de facto, a extensão de si, da sua mão e do seu corpo. As pinturas apresentadas no âmbito da exposição *Um Modo de Construir Jangadas* remetem para a ideia de náufrago: o espectador é convidado a “estar à deriva” por entre ilhas pintadas nas

¹ Versão desenvolvida do texto integrante da folha de sala da exposição *Um Modo de Construir Jangadas*, Galeria dos Prazeres, Madeira, maio 2019.

Maria Almeida Cunha Alegre | **Ensaio sobre *Um Modo de Construir Jangadas.***
O ato de coragem de um naufrago

lonas, perdido no mundo do artista. Através das obras que nos são apresentadas, o artista convoca a água, a coragem e a meditação, através de objetos ricos em cores e pensamentos. O trabalho do autor marca a passagem do tempo e de uma memória. A memória de um naufrago que se perdeu. O mesmo faz um caminho sem percurso. Não sabe o seu destino. As ilhas flutuam em manchas que se debruçam no papel e nos tecidos. Opondo-se ao esperado numa exposição de pintura, a obra de Filipe Silva abre-se para tremenda multidisciplinaridade de *media* e suportes, debate-se e fortalece-se através de objetos *trouvé*, radicalizando-os e enaltecendo-os quando os transporta para o campo artístico da Pintura.

Se numa primeira fase do trabalho de Filipe se procurava a leitura antropomórfica e caligráfica do seu mundo, sempre numa releitura de si mesmo, posteriormente, o seu trabalho abre e cresce: continuando, no entanto, a estudar a presença do silêncio, do espaço mediático da procura e de introspecção.

O silêncio e o vazio ocupam espaços pictóricos: de facto, as pinturas de maiores dimensões desenham-se a partir de formas que não são palpáveis. Estas obras ultrapassam os espaços negativos e pensam sobre a presença do silêncio. A geometria das manchas demonstra ser importante em questões compositivas, mas os espaços em branco destacam-se nas imagens que nos são apresentadas. Através dos meios que utiliza sobre os diferentes suportes, o artista compõe e coloca uma carga emocional nas lonas e nos papéis.

Subentendido nas manchas sobrepostas, existe uma organização do acidente, na expectativa daquilo que vai resultar da mistura de materiais. A introspecção diária, a ação do tempo sobre si mesmo são espelhadas nas formas que se desenham na lona. Mais do que um trabalho pictórico, o trabalho de Filipe reside e fortifica-se na meditação e na concentração em si mesmo, na percepção do seu mundo em espaço de atelier.

Com o desenvolvimento laboratorial – em espaço de atelier –, fomentando a criação ontológica do seu entendimento de mundo, as peças de Filipe Silva vão sendo reinventadas. De facto, existe no atelier “um misto de acontecimentos: como a colocação de si mesmo na possibilidade do acaso” - refere o artista. Entenda-se que o autor ultrapassa o acaso: o seu trabalho abstrato pensa – levemente – no conceito da serendipidade: Filipe provoca o acontecimento. A suas mesas de trabalho permitem que a água contamine: existem bacias repletas de água com pigmento, boiões abertos, óleos espalhados. O controlo do incontrolável domina o espaço, cria o espaço.

Maria Almeida Cunha Alegre | **Ensaio sobre *Um Modo de Construir Jangadas.***
O ato de coragem de um náufrago

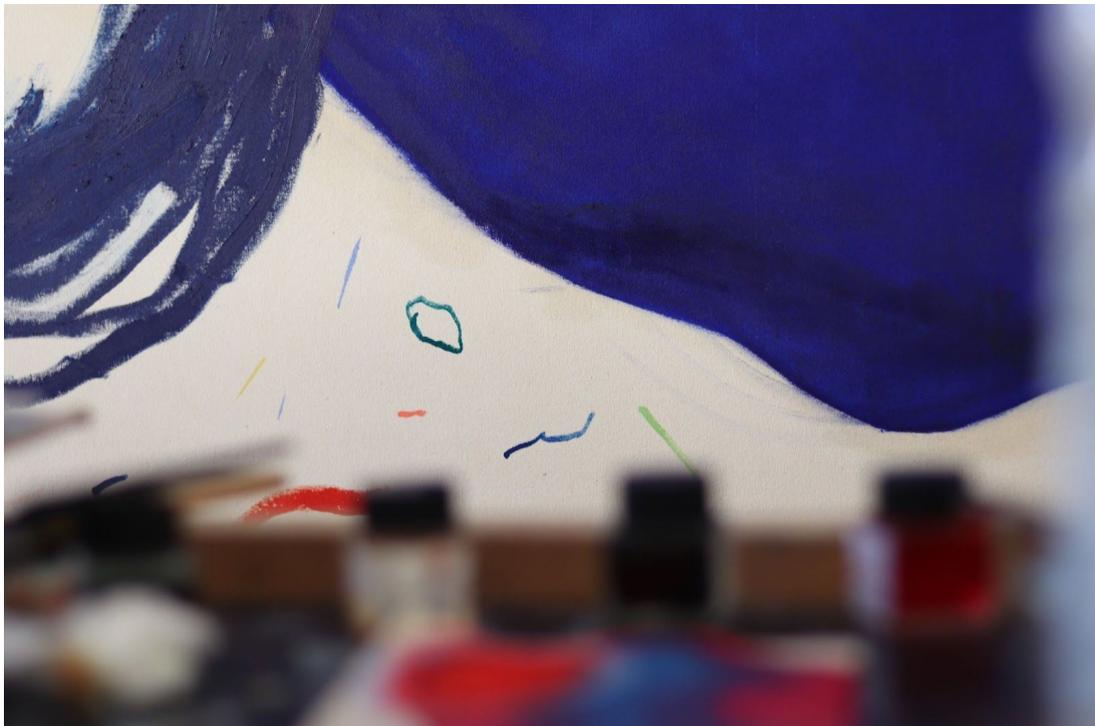


Processo criativo de Filipe Silva
Fotografia de Maria Almeida Cunha Alegre, 2019

Maria Almeida Cunha Alegre | **Ensaio sobre *Um Modo de Construir Jangadas*.
O ato de coragem de um náufrago**

Entenda-se que Filipe Silva se considera náufrago da sua própria viagem, da sua aventura: revelando um ato de coragem, assumindo o não saber de *quando* ou *como* esta jornada pictórica e conceptual irá acabar.

O seu atelier surge como o seu espaço marinho, o seu oceano pessoal e intocável – quase invisível, que flutua no ar. A escolha de materiais por parte do artista deriva das sensações que o mesmo precisa de sentir num determinado tempo em contexto de atelier: o cheiro, o toque da “sujidade”, dos pigmentos e das texturas nas suas mãos, ou da potencialidade pictórica e táctil que o artista sabe previamente existir e que habita nos mesmos.



Trabalho em atelier de Filipe Silva
Fotografia de Maria Almeida Cunha Alegre, 2019

Inicialmente, o seu trabalho incidia numa procura caligráfica: centenas e milhares de letras, formas e pensamentos são esboçados a tinta da china sobre cadernos de papel e folhas perdidas. Famílias de relações e conexões são associadas. A tinta colorida de ecoline invade os trabalhos, posteriormente. Desenvolve-se o artista. E nasce o náufrago.

Nascem ilhas, recolhem-se fragmentos de memórias, locais e pessoas. Um náufrago parte para a aventura com um livro no seu bolso – um livro de poemas. A jangada é

Maria Almeida Cunha Alegre | **Ensaio sobre *Um Modo de Construir Jangadas.***
O ato de coragem de um náufrago

construída com cadernos, fortifica-se com pensamentos e fixa-se com tinta. Caligrafias, gestos, sentimentos, pensamentos são estudados. A meditação pertence ao quotidiano de Filipe. Este reflete longamente, exprime-se rapidamente através de meios que lhe pertencem, que se estendem das suas mãos e do seu corpo. Navega em águas coloridas, maioritariamente turquesas, desenha ilhas imaginárias. Os tumultos de óleo e pó crescem nas lonas apresentadas: terras confortáveis sustentam-se e deitam-se nas texturas do algodão. E a jangada vai(-se) construindo e vai navegando, flutuando no ar, no mundo e na vida do artista.

Ao apresentar o seu trabalho, Filipe Silva convida o espectador para navegar nas suas jangadas; nas suas mesas de trabalho; nos seus pensamentos e no seu quotidiano. Estas obras apresentam um diário vivido por Filipe até então, mostram o seu quotidiano. Talvez sinta falta das suas ilhas. E assim, volta a casa.



Processo criativo de Filipe Silva
Fotografia de Maria Almeida Cunha Alegre, 2019

Maria Almeida Cunha Alegre | **Ensaio sobre *Um Modo de Construir Jangadas.***
O ato de coragem de um náufrago

Maria Almeida Cunha Alegre

Maria Luzia Almeida Cunha de Alegre e Silva (1995, Porto), Licenciada (2017) e Mestre (2019) em Artes Plásticas (Especialização em Pintura) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Primeira exposição individual *La Persona con Paesaggi dentro*, no âmbito das comemorações do 10 de Junho, em Roma (Galeria IPSAR, Santo António dos Portugueses, Itália). Participou na Residência Artística na Casa do Artista Jaime Isidoro, em 2018. Participou na XIX Bienal Internacional de Arte de Cerveira (FBAC), em 2017. Recebeu menção honrosa no prémio XXX Salão de Primavera “Prémio Rainha Isabel de Bragança”, em 2017. Tem participado em várias exposições coletivas. O trabalho desenvolvido no âmbito das Artes Plásticas insere-se em diferentes campos artísticos como o vidro e mosaico, fotografia, desenho, pintura e técnicas de gravura e impressão, procurando uma interdisciplinaridade e plasticidade nos trabalhos produzidos.